

Sarney vai rever informações de

Sábado, 7 de outubro de 1989

ministros

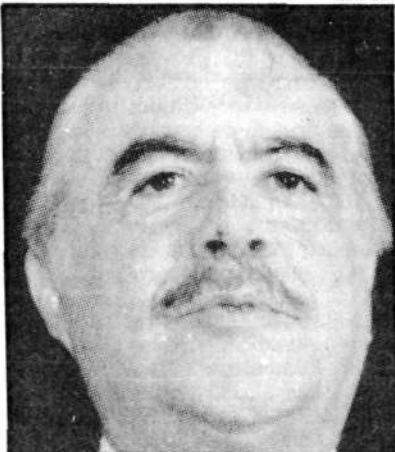
BRASÍLIA — O Presidente José Sarney resolveu rever pessoalmente as informações da área econômica do Governo, porque acha que está pagando um preço político muito alto por ter prestigiado medidas e planos que não deram resultado contra a inflação. A informação foi dada ontem, em Brasília, por um Ministro de Estado próximo ao Presidente Sarney.

O Presidente se reuniu ontem à tarde com o Ministro Chefe da Casa Civil, Ronaldo Costa Couto, na Granja do Torto, para discutir este assunto. Antes, o Presidente Sarney conversou com o seu secretário particular, Augusto Marzagão. Os dois não quiseram comentar o assunto.

Um Ministro ligado ao Presidente Sarney informou também que o descontentamento com os resultados econômicos foi discutido com o Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, e com o empresário Mathias Machline, amigo pessoal de Sarney, segunda-feira, em um jantar na Granja do Torto. O Presidente pediu ajuda aos empresários:

— Ou vocês me ajudam ou a situação explode — disse o Presidente, segundo relato de uma fonte do Governo.

Por causa desta conversa, está sendo convocada uma reunião da Fiesp para a próxima quarta-feira.



Sarney: alto preço dos fracassos

Na reunião, os empresários tomarão uma posição contra a possibilidade de hiperinflação. Com medo de que o Governo acabe por intervir e promova um tabelamento ou congelamento de preços, os empresários pretendem se antecipar.

Assessores do Presidente Sarney informaram ainda que ele ficou muito impressionado com uma entrevista de Neila Alkimin, que se diz vidente, à TV Bandeirantes, na noite de quarta-feira. Ela afirmou que Sarney confiou demais nos seus ministros e que, na verdade, é mais vítima do que algoz.

Presidente atribui crise a especulador

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney usou seu programa semanal "Conversa ao pé do rádio", ontem, para responsabilizar "especuladores desonestos e ambiciosos" que, segundo ele, criam informações falsas para justificar aumentos absurdos de preços, do dólar e do ouro.

— As altas são rigorosamente artificiais. Os números macroeconômicos mostram que não se justifica, de nenhuma maneira, a alta que está havendo, e que é fruto da especulação — disse, acrescentando que, em dois meses, a inflação subiu cerca de 75%, enquanto os salários foram corrigidos da mesma maneira.

Sarney escolheu três produtos para mostrar que alguns preços estão acima da inflação: a pasta de dentes, segundo ele, aumentou 593%, contra uma inflação de 75%; a palha de aço, 215%; o sabão em pedra, 456%. Nada, segundo o Presidente, justifica estes aumentos, a não ser a especulação e "esse clima que querem criar de desestabilização da economia".

— A campanha eleitoral transcorre sob absoluta normalidade e total liberdade, com a garantia de que o vencedor tomará posse e governará sem problemas, com o necessários respaldo da maioria absoluta da Nação — disse Sarney, rebatendo a alegação de que tudo ocorre devido à

eleição. E fez mais uma promessa:

— Seja quem for, o futuro Presidente não sofrerá qualquer dificuldade para receber o Governo com as informações e meios necessários à sua implantação, de acordo com a lei e a Constituição.

Sarney disse ainda que não se pode alegar crise política para os problemas que estão acontecendo, porque eleição não é crise, é normalidade. Sem se referir à política econômica ou falar sobre sua equipe, o Presidente insistiu em que a crise é falsa e não se justifica. Citou o Presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abram Szajman, que denunciou as taxas de juros cobradas pela indústria nas vendas a prazo, que aumentaram de um dia para outro para 55% ao mês.

— O Governo, porém, não vai se abalar. Não alteraremos nossa linha de comportamento e garantiremos a normalidade — disse.

Depois de destacar que todos são testemunhas da dedicação de seu Governo para montar a transição e criar no País um clima de certeza democrática, completou:

— Não será agora, na minha sucessão, que os especuladores vão ameaçar com uma falsa crise econômica.